O POVO

CLÁUDIO LIMA

Mesmo com a perda de seus costumes e hábitos, os índios cearenses ainda continuam com consciência de sua identidade étnica. No seu dia, que transcorre hoje, a sua maior luta é pela terra. 9A

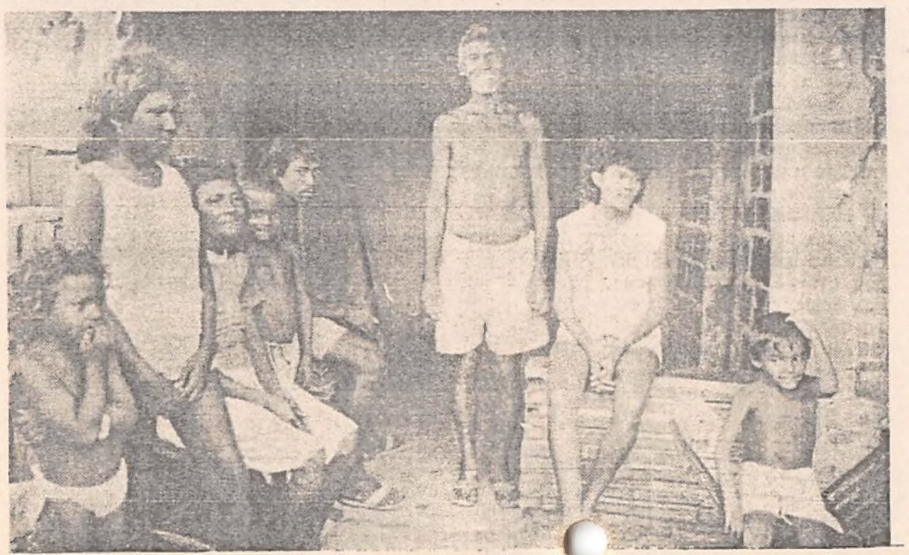
Fortaleza—CE, segunda-feira 19 de abril de 1993

Remanescentes dos tapebas querem terras

A data hoje serve para cobrar da Fundação Nacional do Índio a demarcação de seu território

FOTOS: CLÁUDIO LIMA

Mesmo enfrentando problemas, os meninos tapebas carregam nos olhos a esperança de dias melhores



Nem a perda da língua de origem e de seus costumes diminuiu a consciência étnica dos índios

ELIZABETH REBOUÇAS
EDITORIA DE CIDADES

A terra continua sendo a maior luta dos índios que ainda restam no Brasil. À espera pelas demarcações, a data hoje serve para cobrar a Fundação Nacional do Índio o cumrpimento do prazo desta oficialização. No Ceará, devem ser beneficiadas as comunidades dos Tapebas, em Caucaia e a reserva Tremembé, na praia de Almofala. Os remanescentes dos tapebas perderam, basicamente, sua língua, seus hábitos e costumes, mantendo no entanto, a consciência de sua identidade étnica, da qual afirmam sentir orgulho: "A gente se orgulha de ser índio. Nossa raiz não pode se acabar, apesar da aculturação existente", diz o ex-líder, Francisco Bento de Souza.

O dia hoje é dedicado a todos os índios. A data é lembrada nas escolas, nas câmaras e assembléias com vereadores e deputados fazendo pronunciamentos e os órgãos de cultura anunciam programações alusivas à data. O índio, no entanto, sonha em ter de volta as suas terras, para nelas trabalhar e tirar sua subsistência de maneira menos dolorosa, sem as ameaças como as sofridas pelos tapebas. Um grupo deles esta há cinco anos em litígio com a indústria TBA. A reserva Tapeba, de 4.675 hectares foi identificada desde 1988. Eles estão dispersos em 17 comunidades. Já a Nação Tremembé, de Almofala, é a única do Nordeste a ter registro de posse das terras em cartório. Mais também sofre discriminações.

"A gente vive massacrado. Nós já estamos cansado de sofrer" — diz o índio Francisco Bento de Souza, 57 anos, casado e pai de 12 filhos, sem que nenhum deles tenha freqüentado escola. Ele discorda da afirmativa de que índio é preguiçoso. "Eles querem mandar na gente, pagando um salário de miséria. Ninguém aceita, por isso dizem essas coisas". Maria de Lurdes Gonçalves, neta d[illegible]ia, diz que não tem hora para trabalhar. Ela desce a barra do rio pela madrugada, de acordo com a maré, para pescar com rede arrastão, tirando o sustento da casa.

Morando numa das várias casinhas de taipa à beira do rio Ceará, entre os indígenas, o servente Raimundo Rodrigues Vieira, 38 anos, diz que "nesse rio, a gente tendo farinha, ninguém morre de fome". Maria de Lurdes Gonçalves, da Comunidade dos Tapebas, reclama da contaminação do rio Ceará, com a cólera, que afastou os compradores de camarão e siri, embora se elimentem destes crustáceos. Alguns casos de cólera já aconteceram entre os Tapebas. Dois dos filhos de Chico Bento tiveram a doença. Ele garante que só bebe água tratada com as duas gostas de água sanitária.

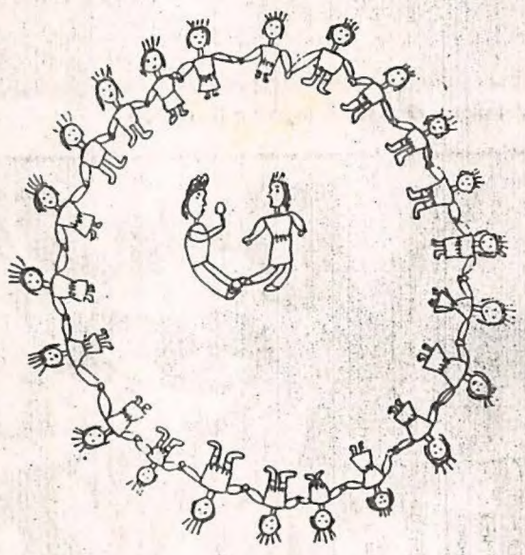
A menina Rosalba, nove anos, neta da índia Raimunda Rodrigues Teixeira diz gostar da Xuxa, mas prefere a dança da sua avó. Filha de pai branco traz no cabelo e na cor o traço indígena. Raimunda conta que tem semana que a panela não vai ao fogo e que larga tudo para lutar pelas terras. De quinta-feira a sábado próximos, os Tapebas estarão na praça José de Alencar vendendo artesanatos e remédios medicinais feitos pela comunidade.

Índios ainda têm tradição na dança

"Ô jurema, fulorô, ô jurema, fulorica. Desenrola essa corrente, deixa a gente trabalhar", nesta estrofe da música cantada durante as festas, onde os remanescentes dos índios cearenses dançam o torém, o apelo para as forças superiores, as divindades que se resumem em Deus, ajudá-los a receber a terra. "O índio sem terra é como o peixe fora d'água. Morre no seco" — diz Raimunda Rodrigues Texeira ex-mulher do cacique Francisco Alves Texeira, mais conhecido como índio Alberto. Geralmente, todas as terças-feiras, a comunidade se reúne para ensinar a decendência o torém.

O torém é uma dança em ritmo de xote, ao som do maracá e as melodias entoadas num português mesclado de palavras tupi, evocando a natureza, plantas e animais, com os quais o índio aprendeu a conviver e a viver. Chico Bento perde o semblante fechado, sua fisionomia muda, quando começa a cantar e a mostrar alguns passos da dança. Diz que veste suas roupas e colares, e todos à rigor mantêm ainda viva esta tradição. Também pintam o corpo com tintas caseiras feitas até de urucum e aroeira. Ele disse que de cada animal invocado e imitado na dança tem uma lição para a vida.

CAMPANHA PELA DEMARCAÇÃO DAS TERRÁS INDÍGENAS NO CEARÁ



APOIE A LUTA DESTES POVOS

GENIPAPO - CANINDÉ
PITAGUARI
TAPEBA
TREMEMBÉ

DIAS 22, 23 E 24 DE ABRIL
O DIA TODO NA PRAÇA
JOSÉ DE ALENCAR

ARTESANATO
MEDICINA INDÍGENA
DANÇAS
TORÉ - TOREM

Apoio: Fundação Demócrito Rocha

CAMPANHA PELA DEMARCAÇÃO DAS TERRÁS INDÍGENAS NO CEARÁ

APOIE A LUTA DESTES POVOS

GENIPAPO - CANINDÉ
PITAGUARI
TAPEBA
TREMEMBÉ

DIAS 22, 23 E 24 DE ABRIL
O DIA TODO NA PRAÇA
JOSÉ DE ALENCAR

ARTESANATO
MEDICINA INDÍGENA
DANÇAS
TORÉ - TOREM

Apoio: Fundação Demócrita Rocha

O POVO/PLEBISCITO

10D/FORTALEZA-CE
QUINTA-FEIRA, 22/ABRIL/1993